

*Memória e identidade na formação de professores
leitores: relato de uma experiência com a escrita
memoriográfica*

Ilane Ferreira Cavalcante

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

ABSTRACT

This work focus on the experience of teaching Portuguese in the Spanish teaching degree at Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). The main point of the experience was writing a memorial essays about the most important books they read during their lives, books that marked their formation as readers. Fragments of these essays are analyzed here using the theoretical construct of memory, developed by Bosi (1999), and the theoretical constructs of identity discussed by Pollack (1997) and Hall (2006).

Keywords: Memory; Identity; Teaching formation

Este trabalho retrata uma experiência como professora de Língua portuguesa no curso de Licenciatura em Letras - Espanhol do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). O momento culminante da experiência se deu a partir da elaboração e reelaboração de um ensaio memorialístico sobre as leituras que mais marcaram a formação de cada aluno. Fragmentos dos ensaios produzidos pelos alunos são analisados à luz dos conceitos de memória, tratado por Bosi (1999), e de identidade, discutidos por Pollack (1997) e Hall (2006).

Palavras chave: Memória; Identidade; Formação de professores

A escrita é uma mistura de memória e esquecimento. Memória daquilo que lemos e guardamos no cérebro e no coração, esquecimento para podermos criar sem embaralhar aquilo que temos dos autores que guardamos.

George Steiner

As razões e os meios

Este artigo é fruto de uma experiência ainda inicial, embora fundamentada em várias iniciativas feitas ao longo de minha experiência como professora formadora de professores da área Letras. Ou seja, ao longo dos anos, boa parte deles dedicada ao ensino de língua e literatura no curso de Letras, fui percebendo a insegurança de muitos estudantes no que tangia à sua prática de leitura. A maioria desses alunos não se reconhecia como um indivíduo leitor e tinha dificuldades em reconhecer a importância da leitura em sua formação, ou mesmo, a importância de ser um profissional capacitado para a exploração das possibilidades da leitura e para a construção ativa da sua formação através da pesquisa. A escrita também era tida como um processo lento, difícil e pouco prazeroso.

Ao lidar com estudantes cujo principal interesse era a formação docente na área de uma língua estrangeira, esse quadro se agravava, pois a maioria, além de não reconhecer a importância da leitura na sua prática profissional, apresentava certa resistência na valorização de sua própria identidade cultural. O que acabava por retirar, de sua formação, um posicionamento crítico em relação à cultura da língua alvo, considerando-a superior ou mais elaborada que a sua própria.

Ao longo desses anos de trabalho, fui desenvolvendo diversas estratégias que visavam a valorização da própria cultura, da própria identidade e me voltei, sempre, para a conscientização desses indivíduos como professores/leitores/pesquisadores. Os caminhos que trilhei na construção do relato dessa experiência foram guiados pelos pesquisadores da memória Ecléa Bosi (1999) e Sidney Pollack (1997), principalmente.

Narro, aqui, a experiência realizada no curso de Licenciatura em Espanhol do IFRN no segundo semestre de 2007 e ainda inacabada, visto que venho desenvolvendo junto a outras turmas, eventualmente, ao longo dos anos. Eventualmente porque nem sempre a turma apresenta o perfil descrito aqui neste artigo ou não se engaja no trabalho. Para que o desenvolvimento da experiência frutifique é fundamental o engajamento dos discentes.

Trilhando os caminhos da memória

Ecléa Bosi em seu livro *Memória e sociedade* (1999) elabora um extenso estudo sobre a memória em que se baseia nos conceitos de Bérghson e de Halbwachs. Ela afirma que o olhar de Bérghson é introspectivo questionando: o que percebo em mim quando vejo as imagens do presente ou evoco as do passado? O sujeito pensa a si mesmo a partir de um debruçar-se sobre o que se lembra do passado e vive no presente.

O que é, para mim, o momento presente? É próprio do tempo decorrer; o tempo já decorrido é o passado, e chamamos presente o instante em que ele decorre. Mas não se trata aqui de um instante matemático. Certamente há um presente

ideal, puramente concebido, limite indivisível que separaria o passado do futuro. Mas o presente real, concreto, vivido, aquele a que me refiro quando falo de minha percepção presente, este ocupa necessariamente uma duração. Onde portanto, se situa essa duração? Estará aquém, estará além do ponto matemático que determino idealmente quando penso no instante presente? Evidentemente está aquém e além ao mesmo tempo, e o que chamo "meu presente" estende-se ao mesmo tempo sobre meu passado e sobre meu futuro. Sobre meu passado em primeiro lugar, pois "o momento em que falo já está distante de mim"; sobre meu futuro a seguir, pois é sobre o futuro que esse momento está inclinado, é para o futuro que eu tendo, e se eu pudesse fixar esse indivisível presente, esse elemento infinitesimal da curva do tempo, é a direção do futuro que ele mostraria. É preciso portanto que o estado psicológico que chamo "meu presente" seja ao mesmo tempo uma percepção do passado imediato e uma determinação do futuro imediato (Bergson, 1999, p.161-162).

Para Bérqson, portanto, a consciência que temos do presente se estabelece em relação com o passado que lembramos e com o desejo que aponta para o futuro.

Partindo dessa premissa, pode-se perceber que a memória está mediada pela imagem que fazemos de nós mesmos. "O sentimento difuso da própria corporeidade é constante e convive, no interior da vida psicológica, com a percepção do meio físico ou social que circunda o sujeito" (Bosi, 1999, p. 44).

A memória, para Bérqson, seria como um cone invertido, em que imagens lá do fundo alcançassem a consciência a partir da lembrança. O afloramento do passado submerso combina-se com o processo corporal e presente da percepção, assim, os dados da experiência passada são mesclados aos sentidos do presente, dessa forma, a função da memória seria permitir a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interferir no nosso processo "atual" de representações.

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, "desloca" estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (*ivi*, p. 47).

Bérqson, então, estabelece dois tipos de memória: a *memória-hábito* e a *imagem-lembrança*. Na primeira o passado conserva-se e atua no presente através de esquemas de comportamento que o corpo guarda e de que nós, sujeitos, nos valem muitas vezes automaticamente na ação sobre as coisas. É uma memória dos mecanismos motores. Graças à memória-hábito sabemos "de cor" os movimentos que exigem, por exemplo, o comer segundo as regras da etiqueta, o escrever, o falar uma língua estrangeira, o dirigir um automóvel, o costurar, o digitar, entre outros. A memória-hábito faz parte do nosso adestramento cultural.

A segunda memória, *imagem-lembrança*, traz à tona da consciência um momento único, singular, não repetido, irreversível, da vida. Não é vacância, mas evocativa. Sonho e poesia são, muitas vezes, feitos dessa matéria que estaria latente nas zonas profundas do psiquismo, no inconsciente.

Para Halbwachs a lembrança é a sobrevivência do passado. O passado conserva-se no espírito de cada um de nós e aflora à consciência na forma de imagens, lembranças. A sua forma pura seria a imagem presente nos sonhos e

nos devaneios. Halbwachs percebe, no entanto, a função social da memória. Pois, a memória do indivíduo depende de seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão, enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo. Nesse aspecto, Halbwachs vai além de Bérghson, por perceber esse caráter social da memória. Se lembramos é porque a situação presente nos faz lembrar.

O caráter livre, espontâneo, quase onírico da memória é, segundo Halbwachs, excepcional. Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal como foi”, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto das representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor (*ivi*, p. 55).

Assim, Halbwachs amarra as memórias do indivíduo à memória do grupo e esta última à esfera maior da tradição, que é a memória coletiva de cada sociedade. Até mesmo as imagens de sonho que, a princípio parecem as mais desgarradas da memória coletiva, não fugiriam às determinações do presente.

Mas, sob a visão de Bérghson ou sob a visão de Halbwachs, não há como fugir ao fato de que a memória é feita de esquecimentos, de silêncios, de sentidos não ditos, de sentidos a não dizer e de silenciamentos. É construída, portanto, através da linguagem.

Para Orlandi (1999), assim como a língua é sujeita a falhas, a memória também é constituída pelo esquecimento. A memória seria, então, um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização. Mas, o que está fora da memória não está totalmente esquecido, nem foi trabalhado, esta metaforizado, transferido. Está in-significado, designificado. Ficam vestígios que estabelecem relações com as margens dos sentidos, com suas fronteiras. Dessa forma, a memória permite um encontro bastante efetivo entre áreas, temas, representações diversas.

Se admitirmos esse caráter flutuante da memória tanto individual quanto social, não podemos evitar o fato de que a memória se constrói, também, a partir de marcos, ou pontos relativamente invariáveis voltados para certos períodos ou certos fatos da vida. Unido a esses fatos ou períodos, a memória também se constitui de pessoas ou personagens com quem convivemos ou não, mas que se transformaram em marcos individuais. A memória também se constitui de lugares que marcaram fases de nossa vida de alguma forma.

Esses três critérios, acontecimentos, personagens e lugares, conhecidos direta ou indiretamente, podem obviamente dizer respeito a acontecimentos, personagens e lugares reais, empiricamente fundados em fatos concretos. Mas pode se tratar também da projeção de outros eventos (Pollak, 1992, p.202).

Em alguns momentos, um determinado texto que lemos, um filme que assistimos, nos impressiona profundamente e constitui um marco para a nossa memória. A memória é, portanto, seletiva. Não guarda tudo. E as seleções são

feitas, também, tanto individual quanto coletivamente, a partir de critérios estabelecidos pelo momento em que se vive. Assim, pode-se dizer que a memória é, de fato, construída. E esses modos de construção podem ser conscientes ou não. “O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização” (*ivi*, p.203).

Bem, se podemos afirmar que a memória é algo que se constrói social e coletivamente, a partir de marcos fundadores, a partir da seleção e da organização desses marcos, podemos também afirmar que a memória tem uma íntima ligação com a identidade. Se tomarmos identidade como a imagem que temos de nós mesmos.

Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros (*ivi*, p.203).

Na construção dessa identidade, há que se reconhecer, ainda segundo Pollack, que:

Há a unidade física, ou seja, o sentimento de ter fronteiras físicas, no caso do copo da pessoa, ou fronteiras de pertencimento ao grupo, no caso de um coletivo; há a continuidade dentro do tempo, no sentido físico da palavra, mas também no sentido moral e psicológico; finalmente, há o sentimento de coerência, ou seja, de que os diferentes elementos que formam um indivíduo são efetivamente unificados. De tal modo isso é importante que, se houver forte ruptura desse sentimento de unidade ou de continuidade, podemos observar fenômenos patológicos (*ivi*, p.203).

A memória é, portanto, um elemento constituinte da identidade. Dessa identidade que é a construção de uma imagem de si para o Outro, quer seja esse outro um indivíduo ou uma coletividade. Pois não há como definir ou construir uma imagem de si sem levar em consideração a interação social. A construção da memória e, portanto, da identidade, se faz através de um processo contínuo e mutável de negociação com o Outro através de critérios como a aceitabilidade, a admissibilidade, a credibilidade.

Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo (*ivi*, p.5).

Um aspecto relevante da construção identitária é que o sujeito, de acordo com Hall (2006), assume diferentes identidades em diferentes momentos. Por isso, não se pode dissociar a identidade individual da identidade nacional, ou do local e do tempo histórico de onde fala esse indivíduo.

A elaboração da identidade se estabelece, assim, na interação entre a busca do eu e a busca de uma cultura. As marcas identitárias residem na trajetória dos sujeitos e em suas relações com o outro. Nessa interação, nesse diálogo tenso, permeado pela cultura e pela linguagem, articula-se o conceito de nação. Para Bhabha (1998), o conceito de indivíduo se articula ao conceito de nação e este se fixa nos fundamentos da identidade. Isto é, não se pode pensar o conceito de

identidade do sujeito sem pensar o seu local na cultura.

Para Bhabha “Nossa existência hoje é marcada por uma tenebrosa sensação de sobrevivência, de viver nas fronteiras do ‘presente’ [...]” (1998, p.19). Nessa sensação de insegurança, de entre-lugar, cruzam-se espaço e tempo de forma a produzir complexas figuras de diferença e de identidade. Mas, se as identidades são formadas a partir do tecido social, e se o tecido social está esgarçado, as identidades também se acham fendidas, são compostas a partir de grupos minoritários que tentam se articular em um corpo coletivo. Bhabha continua: “cada vez mais, as culturas nacionais estão sendo produzidas a partir da perspectiva de minorias destituídas” (1998, p. 25).

Complementando essa visão, sob a perspectiva da nação, Hal, afirma: “As culturas nacionais, ao produzir sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades.” (2006, p. 51). Assim é que, as identidades nacionais são formadas e transformadas no interior das representações que se tem daquele país, daquela cultura, não esquecendo que no mundo globalizado as trocas culturais se impõem, gerando uma permanente reconstrução identitária.

Assim é que, ao lidar com docentes em formação, futuros professores de língua estrangeira, é preciso proporcionar a oportunidade de elaborar um olhar mais crítico não só sobre a própria identidade, memória, cultura e formação, mas sobre o mundo, sobre o Outro, isto é, sobre a cultura e as identidades da língua que se pretende ensinar.

Acreditando na possibilidade de construir a memória a partir de um viés específico, e trazendo essa consciência para o processo de ensino-aprendizagem, é que tenho pautado a minha experiência na formação de professores e no ensino de línguas voltado para futuros professores visando ao reconhecimento e à reflexão sobre a própria identidade e partindo, em grande parte das vezes, ou em alguns momentos específicos, para uma reconstituição das memórias de leitura.

Como, em geral, grande parte de meus alunos não se reconhece como um indivíduo leitor, relembrar o próprio aprendizado da língua materna, relembrar o que leu e expor, através da escrita, a importância dessas leituras na formação de sua personalidade, é uma oportunidade interessante para revisar os conceitos que se tem acerca de si, da própria família, cultura, do idioma materno e dos valores fundamentais que se adquiriu ao longo da vida.

Sobre a licenciatura em Letras Espanhol no IFRN

A oferta da primeira turma de licenciatura em espanhol presencial no IFRN iniciou-se em 2006, ano em que entrei na instituição. Sou professora do curso, portanto, desde a primeira turma. No ano seguinte iniciou-se a elaboração do projeto da mesma licenciatura para submissão ao programa Universidade Aberta do Brasil, ou seja, na modalidade a distância. Essa oferta nasceu do desejo de levar ao interior do estado o acesso à formação docente de uma licenciatura em língua estrangeira. Desde então tenho atuado em ambas as modalidades.

A disciplina Língua Portuguesa nesse curso tem o propósito maior de fazer uma retomada dos conteúdos do Ensino Médio, preparando o aluno para a vida acadêmica, pois dá ênfase à linguística textual, a partir do trabalho com os gêneros textuais.

Pensando nesse enfoque, e no contexto de trabalho, alunos oriundos do Ensino Médio, nem sempre com muita experiência de leitura e com a perspectiva de assumir uma língua alvo como objeto de estudo e de trabalho, foi que

desenvolvi, como já afirmei anteriormente, neste trabalho, algumas estratégias de reflexão acerca da sua própria formação como leitores, de seus objetivos profissionais e de seu idioma.

Entre essas estratégias, estão atividades como a elaboração de uma carta pessoal indicando os sentimentos do aluno acerca da profissão que está prestes a abraçar; a leitura e a discussão acerca do ensino de espanhol como língua estrangeira no Brasil; o desenvolvimento de discussões acerca das variedades da língua portuguesa; o planejamento voltado para a elaboração de textos argumentativos; a exploração da criatividade a partir da elaboração de textos mais lúdicos, como pequenas narrativas, descrições e poemas. Entre essas estratégias, está a experiência descrita ao longo deste artigo.

Uma experiência de construção da memória

Língua Portuguesa I é uma das primeiras disciplinas a que os alunos têm acesso ao ingressar na Licenciatura em Letras Espanhol do IFRN. Assim, trabalhar com alunos que estão ingressando no curso para adquirir uma formação de professor de Espanhol como Língua Estrangeira – E/LE me parecia merecer um trabalho que fosse além da mera retomada de conteúdos do Ensino Médio. Um trabalho que discutisse questões tais como: Por que escolhi esse curso? Que importância tem a leitura em minha formação?

Essas questões surgiram ao longo dos textos e das discussões estabelecidas em sala de aula e muitas vezes levaram a uma reflexão interessante acerca do que esses indivíduos desejavam para si na construção de sua identidade profissional.

Ao trabalhar o idioma materno, pode-se pensar na reconstrução da memória, na reflexão sobre si e sobre as próprias experiências de aprendizado, revendo conceitos arraigados em muitos estudantes, tais como: a dificuldade no aprendizado das normas da língua, a dissociação entre uso e norma, a visão de que aprender a língua é decorar uma série de normas gramaticais.

Assim, procurei iniciar a disciplina levando os alunos a pensar sobre seu próprio idioma, a sua importância, a sua história, a sua diversidade. Textos como o documentário *Língua: vidas em português*, artigos sobre a língua portuguesa no mundo, artigos sobre as mudanças do acordo ortográfico a entrar em vigência, textos teóricos sobre variação linguística são importantes nesse primeiro momento.

Além disso, as produções textuais pedidas aos estudantes giram em torno de suas memórias de aprendizado ou em torno da defesa de um ponto de vista acerca da importância da língua materna ou da sua variedade, ou mesmo do ensino de E/LE.

Partimos para a leitura de uma série de ensaios sobre memórias de leitura de vários escritores como o capítulo inicial de *Uma história da leitura* (1997), de Alberto Manguel; um ensaio de *Minhas histórias dos outros* (2005), de Zuenir Ventura; um texto meu, intitulado *Uma vida que se conta* (2002), publicado em livro após uma experiência similar de reflexão ao longo de uma disciplina do Doutorado em Educação.

Os ensaios realizados pelos discentes servem como trabalhos finais da disciplina, mas um primeiro resultado positivo vai além da disciplina, cada um dos que apresenta seu texto debruçou-se sobre suas lembranças no aprendizado do idioma, lembrando o que leram durante um determinado período de suas vidas e como essas leituras representam marcos fundantes de sua personalidade.

Assim, ler esses ensaios é fazer um passeio pelas memórias de leitura que demonstram, muitas vezes, ser responsáveis por escolhas profissionais, experiências amorosas, desvios de rota, retomadas de rotas, aspectos da personalidade do indivíduo naquele determinado momento em que escreve. O aluno P¹, por exemplo, demonstra não ser um amante da leitura, aspecto comum à maioria dos alunos, que não se consideram leitores.

Leituras que para nós são muito importantes e nem sempre damos o valor necessário a elas. Eu mesmo nunca gostei de ler, apesar de estar sempre envolvido com a leitura (Aluno P).

A aluna A, da mesma forma, apesar de demonstrar um grande fascínio pela leitura e se descrever como leitora de vários gêneros literários ao longo da infância e da adolescência, também não se considera uma leitora.

Tenho um grande fascínio e admiração pelo mundo da leitura, apesar de não me considerar uma exímia leitora (Aluna A).

Todos os alunos, no entanto, sem exceção, consideram importante a experiência da leitura, por prazer ou por aprendizado. Muitos deles ressaltam o aprendizado com a leitura religiosa, tema recorrente em inúmeros ensaios memóriográficos, caso da aluna H e do aluno G, abaixo.

Não foram muitos os livros que li, mas ainda que tivesse lido todos os livros do mundo seria eu uma pessoa inculta e vazia se não lesse o maior e melhor livro de todos que se chama Bíblia Sagrada (Aluna H).

No Salão do Reino das Testemunhas de Jeová ou na congregação, fazemos o estudo de alguns artigos encontrados no meio ou no final da revista A Sentinela, publicada quinzenalmente. Sublinhamos os pontos principais dos artigos estudados, além de responder as perguntas, geralmente feitas ao final de cada parágrafo; comentando-as no Salão a fim de nos encorajar mutuamente. Essa é uma atividade proveitosa a todos os presentes (Aluno G).

Alguns alunos conseguiram perceber e representar, em sua experiência escrita, a revisão sobre a própria memória e uma reflexão sobre a própria identidade. Aspecto que causou desconforto, muitas vezes, como afirmam a aluna I e a aluna M:

Sempre evito falar sobre lembranças pessoais, íntimas, como é o ato de ler, pois desde minhas primeiras leituras, estabelecia com os livros um universo único, formado por apenas dois seres: eu e o livro. Não posso dizer que era uma relação de amor: era uma relação de cumplicidade, companheirismo. Só o livro me entendia, lia meus pensamentos e tinha total paciência em esperar a leitura de uma mesma página, parágrafo ou trechos inúmeras vezes, por chamar a atenção, me confundir ou por conter palavras e termos desconhecidos. O final do livro era a página mais lida, relia-o incansavelmente para manter ao máximo a sensação de não tê-lo acabado (Aluna I).

Bem, escrevi até onde minha memória permitiu, já não posso ir além. De uma próxima vez, quem sabe... Afinal, isto é apenas um ensaio (Aluna M).

¹ Utilizarei aqui uma letra maiúscula para indicar cada discente e o depoimento realizado em seu ensaio memóriográfico.

A experiência com a leitura, no entanto, é sempre enfatizada como parte da sua formação. O que indica que, seja pelo viés religioso, seja por imposição dos pais ou da escola, a leitura, e a leitura literária aí inclusa, fez parte de aspectos considerados relevantes de sua formação. Nem sempre esse processo de engajamento com a experiência leitora foi prazeroso, mas eles demonstram ter sido sempre relevante, algumas vezes, apaixonante. É o caso de alguns alunos que conseguiram descrever o quanto a experiência leitora é importante em sua construção identitária:

Escrevendo construo a guerra e lendo adentro na batalha. Se leio, viro guerreiro e nas grandes memórias refaço a história do massacre alheio. E assim vou seguindo, atento, observando o perigo. E mesmo que me atinjam o peito eu faço do meu jeito o que chamam de destino. É dessa forma divertida que vejo a leitura. E se ela me constrói me torno um herói entre tantas criaturas. (Aluno J).

O processo de retomar a sua formação leitora permitiu perceber não só as experiências, ou rememorar os textos lidos, tratados como marcos de sua formação. Permitiu, também, rever o seu próprio processo de amadurecimento e as decisões tomadas que levaram às escolhas pela profissão em curso:

Hoje vejo que nunca precisei parecer mais velha, pois minha infância foi permeada por reflexões adultas e constatações amadurecidas. Sei que era risonha e gostava de brincar, mas o meu forte sempre foi conversar, era “casada sem marido”, como dizia minha tia de Assu. E isso pode descrever um pouco da minha personalidade infantil; eu gostava de sentir os dramas da vida real, um amor platônico, a rejeição, a nostalgia... eu gostava de histórias de amor (Aluna T).

A experiência leitora, por fim, fez parte da infância e da adolescência desses docentes em formação e, bem ou mal, eles passaram a se perceber leitores, passaram a perceber uma nova relação com a linguagem e valorizar os conhecimentos adquiridos a partir da leitura. Passaram a perceber, também, a importância dessa prática na sua atuação profissional, não só para seu desenvolvimento pessoal, mas junto a seus futuros alunos.

Acho que foi por causa da minha curiosidade e vontade de retomar as histórias, mesmo que muitas vezes apenas olhando as figuras dos livros quando ainda não sabia ler, que me sinto como se estivesse dentro da história, como mencionei no início desse ensaio, muitas vezes como personagem principal. É uma viagem que faço quando leio um bom livro, com uma história bem escrita e de leitura agradável. [...]Sei que não sou a pessoa que mais gosta de ler no mundo, mas quando encontro uma leitura com que me identifico, viajo junto com as personagens (Aluna A).

Caminhos abertos

Usar o idioma na construção da própria identidade e na valorização do conhecimento adquirido com a experiência é a intenção maior do conjunto que denoto à disciplina Língua Portuguesa I no curso de Licenciatura em Letras Espanhol.

Escrever ensaios sobre suas memórias de leitura representa uma visita de meus alunos a seu passado, uma visita guiada, ou tematizada, digamos assim, visto que permeada pela perspectiva da leitura, mas uma visita que possibilita a sua entrada mais consciente na profissão que estão escolhendo e uma perspectiva mais fundamentada acerca de seu idioma e de sua identidade cultural e das possibilidades de diálogo com outras culturas.

De minha parte, enquanto professora formadora de professores, pretendo ainda visitar essa metodologia, agregar a ela novas estratégias, novos objetivos, novas possibilidades.

Bibliografia

- BERGSON, Henri. *Matéria e Memória*. 2 ed. São Paulo, Martins Fontes, 1999.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 7 ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1999.
- CAVALCANTE, Ilane Ferreira. "Uma vida que se conta" in MORAIS, Maria Arisnete de. *Carrossel de letras*. Natal, UFRN, 2002.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo, Centauro, 2004.
- MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.
- ORLANDI, Eni P. – Michel PECHEUX. *Papel da memória*. São Paulo, Pontes, 1999.
- POLLAK, Michael. "Memória e identidade social". *Estudos Históricos*. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. www.cpdoc.fgv.br/revista. Acesso em: 01 Nov. 2007.
- STEINER, George. *Lições dos mestres*. São Paulo, Record, 2005.
- VENTURA, Zuenir. *Minhas histórias dos outros*. São Paulo, Planeta, 2005.

Ilane Ferreira Cavalcante possui graduação em Letras (1991), Mestrado em Estudos da Linguagem e (1996) e doutorado em Educação (2002), todos pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Atualmente é professora do IFRN. Além da publicação de artigos em periódicos e livros, a autora também publicou dois livros de ensaio e um livro de poesia *O romance da Besta Fubana: festa, utopia e revolução no interior do Nordeste* (2001) e *Mulheres e letras: representações femininas em romances e periódicos das décadas de 60 e 70* (2011), *Vestígios* (2010).

Contacto: ilanecfc@gmail.com ou ilane.cavalcanti@ifrn.edu.br

Recibido: 20/09/2012
Aceptado: 25/04/2013